

**2ª PARTE**

---

# **Estudios**

## Nadyr Sabóya

Fernanda Quinderé<sup>7</sup>

Numa inesperada tarde de abril do ano de 1952, conheci quem me ensinou a dar os primeiros passos na estrada da verdadeira significação da minha vida. Soberana, desceu do carro estacionado diante da minha casa e, com o jeito especial de quem reinventa a vida, olhou em volta e parou seus olhos nos meus. Fixamente. Ela tinha 43 e eu apenas 13 anos. Sim, falo de Nadyr Roquelina Papi de Sabóya, atriz, escritora, tradutora, poeta, mãe de meninos e meninas, que juntos a ela, escreveram a história de seu tempo. Mulher de poucos sorrisos, determinada, bela de alma e de rara inteligência foi a juventude das nossas ideias, o renascer das nossas ideologias. Autoritária e generosa. Enérgica e emotiva, soube ser mestra moldando os fatos como quem molda, com suas próprias mãos, o barro que constrói a devoção. Jamais temeu lambuzar-se com o sangue, o suor e as lágrimas da criação que o teatro exige. Ensinou a seus meninos, e a mim também a valorizar a palavra, a responsabilidade de atuar no teatro e no dia a dia. A lutar por direitos e deveres, considerando a ética e a estética como meta para nos comportarmos na vida. Sacralizou *per onia seculum seculorum* o que, aos olhos de muitos, parecia ser profano: a verdadeira crença de nossa potencialidade criadora e o desejo de nos revelarmos como outros. Sermos atores. Os trinta anos de diferença entre nós duas, as distintas gerações distantes no tempo, mas próxima no entendimento da alma, a fez claridade poética das minhas inspirações. Quando nos avistamos pela primeira vez, a fumaça do cigarro entre seus dedos criou um clima de mistério e fantasia. Hoje, compreendo, foi ali a primeira atuação dramática que vivi. Tremi dos pés a cabeça e me senti ínfima diante da força daquela mulher de pele branca e de voz nasalada. Seu timbre de contralto e dicção perfeita demonstravam a

---

<sup>7</sup> Membro da Academia Cearense de Letras e Artes do Nordeste e da Academia Fortalezaense de Letras.

voz dos impacientes. Temerosa em meio a tantos, tornei-me menor ainda quando ela disse:

- Não, essa não serve para o personagem. É apenas uma menina e muito magrinha.

Quieta e silenciosa, enrolei-me em mim mesma e saí.

- Volta aqui menina, Fala. Canta qualquer coisa.

Cantei. Ela determinou para mim a negrinha, personagem de poucas palavras na peça “A Moreninha”.

Estreamos o Teatro Escola do Ceará, em 12 de setembro do mesmo ano. Chorei muito quando me vi pintada de preto.

- Engula o choro. Isso é teatro e no teatro a gente tem que sofrer, dizia a Maristher Gentil, enquanto a voz enérgica repetia a lição – engula o choro, menina.

A lição foi para toda a vida porque ainda hoje sou de teatro, sofro, choro e engulo o choro.

Estreamos nosso encantamento e amizade definitiva no tempo em que se usava preconceito para difamar a alma feminina. Ela adotou-me. Tornei-me sua atriz predileta. Unidas e protegidas pela confiança mútua, seguimos o caminho das pedras, porque nos sentíamos feitas de ferro, de fogo, banhadas de luz pelos Deuses do teatro. Foram sete anos de convivência diária. Ultrapassamos os muros baixos da terra. Seguimos estradas em busca de novas concepções e novas linguagens. Conquistamos plateias em Fortaleza e em outras cidades do Brasil. Fomos aplaudidas em cena aberta e premiadas, premiadas, premiadas. Fomos além, fortalecendo o respeito, o bem querer e a confiança mútua.

Nadyr Sabóya - terra fértil desabedoria. Como um lábaro libertador, rasgou caminhos como se fossem unguentos para aliviar nossos fantasmas, monstros impulsivos que navegam no sangue das nossas artérias, circulando em nossos corpos em forma de personagens.

Nadyr Sabóya, mulher para mim inesquecível, modelava com extrema paciência as emoções, filtrando alegrias e desenganos, amores e decepções dos personagens que habitavam no fio condutor da trama que escolhia para os seus espetáculos.

Com ela aprendi a ser: casa de muitas janelas, morada de muitas mulheres. Profunda quando amo e rasa quando necessito. Naquela inesperada tarde de abril de 1952, Nadyr Sabóya, sem se dar conta, construiu os alicerces do meu destino.